

Caiado

Sobre cavalos e dragões

Milton Hatoum

Um bom dicionário de símbolos nos informa que o cavalo e a serpente disputam um lugar de destaque no bestiário simbólico de todos os tempos. Na mitologia de muitas civilizações, esses animais percorrem de baixo para cima o caminho entre o inferno e o céu. No bestiário simbólico da sucessão presidencial, o cavalo branco que encena no programa eleito-



ral da UDR pretende ampliar o leque de significações na imagem do candidato Ronaldo Caiado. De um lado, coragem e virilidade, atributos do corpo; de outro, fertilidade e força, "essa força que vem do interior". No rastro do cavalo branco de Caiado, surgiu há alguns dias um dragão. Símbolo do mal em oposição ao bem, o dragão tem sido fustigado com uma violência retórica que nos assusta. Quem é o dragão que Caiado açoita montado no seu cavalo? De uma forma genérica, o Estado e a máquina estatal, tanto no Brasil, quanto nos países do leste europeu. No mundo das idéias políticas, esse dragão chama-se "a esquerda".



Caiado, em carreata: montado nos ombros de sua UDR

Com a força que veio do interior, Caiado se autoproclama um ideólogo do neoliberalismo *fin de siècle*, e não esconde sua admiração pelo político Jacques Chirac, um dos líderes da direita na França. À semelhança de outros candidatos liberais, Caiado nos lembra o tempo todo que o estatismo é uma falácia; cita países como a Hungria, Polônia e Tchecoslováquia como exemplos seguidos pela União Soviética, que acaba de ingressar na economia de mercado. Poderia também ter citado as medidas políticas de Mitterand, que no início de seu primeiro governo estatizou bancos e grandes empresas, que algum tempo depois foram novamente privatizadas. Mas Caiado só cita como exemplo a Europa do leste porque ali residem as futuras ruínas do comunismo. O intelectual ou um político que seja lúcido nos dias de hoje também critica e reconhece o rosto fossilizado e violento da política soviética pré-Gorbachev. Mas para alguns liberais do Brasil, as atrocidades de lá parecem justificar as de cá, como se a face corroída da Cortina de Ferro pudesse esconder a face apodrecida do nosso pseudoliberalismo.

No seu programa de governo, ao mencionar a política salarial da UDR, Caiado afirma ser necessário fazer novos investimentos, que viriam do aumento da carga tributária e da poupança direcionada para os setores produtivos. No entanto ele nada nos diz a respeito dos subsídios que muitos latifundiários da UDR receberam deste e de outros governos para aplicar no mercado financeiro. Quando ele defende em nome da classe médica a medicina privada, esquece de citar a política do bem-estar social na França e na Europa ocidental, onde a saúde e a educação são eficientes e socializadas. Quando ele fala em reforma agrária, abomina qualquer idéia de distribuição de terra produtiva, mesmo sabendo que na Europa democrática um latifúndio do tamanho de Alagoas seria uma aberração, algo inadmissível.

Num país onde o privilégio de poucos é lei, não é difícil se sustentar uma postura liberal. Basta cravar com a lança o dragão, o demônio comunista, que na época da tortura e dos atos institucionais era um nome impronunciável. Hoje, com os ventos da democracia, alguns representantes do liberalismo verde e amarelo montam em cavalos brancos tão somente para fascinar o dragão. Felizmente nem todos os cavaleiros tornam-se mitos: alguns guardam no rosto apenas um sorriso cínico, e montam em cavalos de uma brancura feita de vazio, como aquele animal do Apocalipse, que é também branco, mas presságio de morte.